

**Inde, ende, en** — A forma mais antiga, identica ao lat. *inde*, occorre em uma noticia de torto do tempo de D. Sancho I, publicada por Leite de Vasconcellos em *Textos Archaicos* 14, 15. A sua significação é «disso», «delles», «dahi»: *filarū-li illos inde VI casaes* (= tiraram-lhes disso seis casaes); *que desfructarū e que li nunqua inde derū quinnōs* (= lhes nunca disso deram quinhões).

Em documentos posteriores apparece o mesmo adverbio alterado em *ende*, usando-se raramente a respectiva forma contracta *en*, a qual se assignala emtanto na linguagem dos Cancioneiros:

*Maravilha-s'en* (Canc. Aj.) — Ei noj'e pesar *em* (ib. apud Vasc. Text. Arch. 20 e 24) — Aja *ende* a meiadade (Nunes, Chr. Arch. 14) — Assi começamos nos hir apos ella e nom nos partiremos *hende* (S. Graal, 83) — Elrey, quee era *ende* mui ledo (ib. 1) — Que mal vos *hende* verra (ib. 84) — Maravilhou-se *emde* muito (F. Lopes, D. J. 139).

Este adverbio cahiu em desuso no seculo XVI. Em algumas obras anteriores á Chronica de D. João nota-se a sua ausencia ou, pelo menos, já a extrema raridade deste vocabulo. Fernão Lopes o empregaria como archaismo por espirito conservador.

**Tamalavez** — Encontravel uma ou outra vez em algum autor quinhentista ou seiscentista, o adverbio *tamalavez* entra no rol dos vocabulos de emprego raro. Não se pode affirmar que é reliquia de uso anterior mais generalizado, porque faltam as provas. Com a significação de «um pouco», «um tanto», «alguma cousa» foi empregado este adverbio por Francisco Manuel de Mello:

Hora que livro bem encadernado e melhor impresso he essoutro, que está ali diante roido dos ratos *tamalavez*? (Ap. Dial. 336). — Se houver lugar podeis aqui *tamalavez* detervos com dous manuscritos encadernados, que não parecem senão livros (ib. 388).

E do mesmo modo se interpreta o sentido do adverbio nestes passos de Gil Vicente:

Má nova he essa pera mi. Se assi for como dizes, digo qu'e-ramá cá vim. Porem esperae-me assi, fallarei *tamalavez* (1, 269) — Ide antre as nove e as dez; assoviaes vós bem, meu rei? Ou tossi *tamalavez*, que logo vos entenderei (ib. 2, 157) — S'eu trouguera mais vagar, sorrira-me eu *tamalavez* (ib. 1, 247).

Na Chronica dos Frades Menores (ed. Nunes) occorre o adverbio *malaves*, que parece relacionar-se com *tamalavez*. Nos dous exemplos apontados pelo commettador, o sentido é porem diverso. *Malaves* equivale a « apenas », « difficilmente » :

E vio aquelle fraire levantar-se e estava ferventemente em oraçom e foy levantado em no aar aquella noite tres vezes ataa altura do paço e fazia em no aar tam grande chamto e choro por alma de aquelle senhor que *malaves* foy visto alguum que a tam amargosamente chorasse por seus parentes e amigos finados (1, 57) — E o poboo dava vozes, dizendo comtra os fraires que esto era feito por arte diabolica... E aa çima [= finalmente] *malaves* amansado o poboo, [o diabo], ouvindo todos, ameaçava a frey Antonio (2, 208).

### Adverbios pleonasticos

Os adverbios *logo*, *agora*, e *hoje*, occorrem ás vezes accrescidos de outra locução adverbial de sentido equivalente, tendo este reforço por fim dar ao adverbio mais vigor e emphase. Para o primeiro destes vocabulos permite o, falar hodierno a repetição *logo logo* e tambem certos dizeres como *logo no mesmo instante*, *logo no mesmo dia*, etc. Em port. ant. e ainda na linguaem popular do seculo XVI se dizia *logo essora* e *logo nessora*:

Mando que *logo nessora* se cumpra o que tens pedido (G. Vic., 1, 377) — Como o rato sente o gato, me sentira *logo essora* (ib. 1, 363) — Já t'eu dera hũa tamanha, que tu foras *logo essora* (ib. 3, 226) — Eu virei *logo nessora*, se m'eu la não detiver (ib. 3, 38) — Ellas [companhias] virão *logo essora* (ib. 2, 45) — I buscar asinha *logo nessora* hũa honrada lavradora de leite pera criar (ib. 3, 25).

Ao adverbio *agora* ajuntava-se pleonasticamente *est' hora*, tornando-se porem o sentido igual ao que hoje se diz por *agora mesmo*, *ha bocadoinho*:

Não falleis em Deus agora, porque está aqui Pedreanes, que chegou *agora est' hora* (G. Vic., 3, 250) — Caroto: Ha muito? [subtendente-se: que passou o rasto do ladrão?]. Draguinho: *Agora est' hora* passou por estes penedos. Eil-o aqui fresco d'agora não ha meia hora, nem creio que ha dous credos (ib. 2, 18).

O sentido de *hoje* avivava-se pelo accrescimo de *em este dia* ou *este dia*. Bastantes exemplos se colhem em Vida de S. Amaro, texto publicado por O. Klob:

O meu senhor deus que me tanta graça fez que me *oje* *é este dia* mostrou a cousa deste mudo que eu mais desejava de veer (511) — Eu cy desejos muy grandes de meus cõpanheiros de que party *oje este dia* (513) — *Oje em este dia* averedes huñ boõ ospede e de muy sancta vida (514) — E *oje em este dia* veeredes quanto *é este mudo* desejastes (515) — Que *oje é este dia* eu vejo quanto bem em este mudo cobijcey (516) — *Oje em este dia* aa hora de terça (517).

Desta antiga locução pleonastica conservou o port. mod. a dicção *hoje em dia*, a qual porem já desde o seculo XVI apparece com o sentido alterado. Em lugar de se referir sómente a um dia, passa a significar vagamente a epocha actual. Pouco usada como synonymo de *hoje em dia* é o *dia de hoje*:

Inda que a terra Santa e os lugares della estem ao presente quasi de todo destruidos, tem-se o *dia de hoje* tão particular memoria das cousas que a Escritura Sagrada a faz, que parece de fé o que contam os da terra (Arrais, 317) — Esta amizade... ha *hoje em dia* entre os varões justos (H. Pinto, 2, 288) — Muytos ha *hoje em dia*, que com verdade se podem chamar sal da terra e luz do mundo (ib. 2, 558).

### Adverbios accrescidos da terminação -s

E' do dominio do falar plebeu, e não da linguagem culta, o uso de varios adverbios com accrescentamento de -s, como se se tratasse da formação de plural. Gil Vicente nas Comedias e Farças registra varios casos; entre elles figura *quiçais* e sua metathese *sicais*, não se tendo comtudo creado a metathese correspondente á forma simples *quiçá*:

*Entonces* vos abrirei de muito boa vontade (G. Vic., 3, 31) — E *siquaes* sereis vós minha, *entonces* veremos nós (ib. 3, 131) — Ella [a Virgem Maria] lhe promettia de lhe dar um bom castigo, que horas nunca lhe rezou, nem della *soes* se acordou (ib. 1, 140) — Nem tam *soes* para o barqueiro, não me deixaram nem tanto (ib. 1, 351) — *Quiçais* era o Sancto este Jesu Christo (ib. 1, 348) — E eu feri-me por esse chão... sem *soes* motrete de pão (ib. 1, 257) — E *sicais* andou com ella (ib. 1, 125) — Depois que a eu usar *entonces* poderá ser (ib. 3, 151).

Um unico adverbio com augmento de *-s*, *antes* por *ante*, conseguiu implantar-se na linguagem litteraria atacando por cercear o dominio da forma primitiva. Deve-se a innovação, ao que parece, á influencia de alguns adverbios (*depois*, *atrás*) de significação correlata terminados em consoante sibilante. De notar é todavia que, funcionando como preposição, *ante* jamais soffreu mudança. Igualmente sem accrescimo consonantal se disse sempre o adverbio *deante*, *diante*, com sentido local, resultante de *de* + *ante*, ao passo que esta mesma combinação com sentido temporal produziu *de ante*, *de antes* e *dantes*, fixando-se estas formas augmentadas da sibilante definitivamente em port. mod. A duvida que na linguagem antiga reinava entre *ante que* e *antes que*, decidiu-a o falar moderno em favor desta ultima forma. Do antigo uso de *ante* differente do actual dão testemunho estes passos:

Os outros nom aviam ende pesar; *ante* eram mui ledos (S. Graal, 12) — Nom he direito que o outrem saiba *ante* que vos (ib. 36) — *Ante* de hora de prima (ib. 45). — *Ante* de hora de terça (ib. 54) — *Ante* ora de terça (ib. 102).

### Locuções adverbias

Para os effeitos da analyse lexeologica costuma-se distinguir a locução adverbial do adverbio simples. Este é um só vocabulo, aquella é uma combinação de vocabulos, a qual tem a mesma função que o adverbio simples.

A locução adverbial é formada de preposição + substantivo, ou tambem de preposição + substantivo + adjectivo. Ha contudo certos dizeres em que se deixa de mencionar um dos termos principaes da locução.

#### 1.º OMISSÃO DO SUBSTANTIVO:

Por se usarem frequentemente e parecerem dicções assaz intelligiveis sem a constante repetição do mesmo substantivo, dispensou-se, por economia de linguagem, a palavra *modo* em *de ordinario*, *de pronto*, *de leve*, *de li-*

geiro (*perto está de se arrepende quem julga de ligeiro*, Vieira, Serm. 2, 716) e outras semelhantes.

Em *á primeira*, da *primeira* subentende-se ora o termo *vez*, ora o termo *vista*, adequando-se este mais ao port. mod.:

Dona Enes, quando *aa primeira* veu pera a corte. (F. Lopes, D. J. 264) — Hia... desacompanhado dos senhores fidalgos que *aa primeira* consigo trouvera (ib. 292) — Husavom de seu livre poder, desdenhando quem *aa primeira* tomavõ por capitaães (ib. 79) — E foram logo *aa primeira* muito dacordo (ib. 113) — Mal fizemos! Que milhor viviamos da *primeyra* que agora (L. de Esopo 46) — O cavalleiro *á primeira* mostrou-lhe bom rosto, e deshi tornou mui furioso (Barros, Clar. 1, 226) — Um capa em collo, que *á primeira* parecia algũa cousa, já agora não terá que despender, e parece que cahiu da forca (Sá de Mir. 2, 110).

Completa a palavra *hora* o sentido de *á derradeira*, na *derradeira* nestes exemplos:

Agora estais carregada e embaraçada com cousas que, *á derradeira*, hão de ficar (G. Vic. 1, 194) — Eu não digo nada. Eu lhes fallarei lá *na derradeira* (ib. 1, 312) — E dei-t'eu a roca, Catalina, e subi em cima da pereira, e tu agora *á derradeira* jogas começo almolina (G. Vic. 1, 131) — A cristaleira e o almotacel pequeno bailarão *á derradeira* (ib. 1, 128).

Na locução de *primeiro*, equivalendo a *principio*, o substantivo que falta pode ser *momento* ou outro com o mesmo sentido:

E quando tornou, quise chegar aas reliquias, como *de primeiro* (Frad. Mend. 1, 32) — E logo, orando Santo Antonio, os cabellos hordenados foram restituidos a cabeça daquela molher asy como *de primeiro* (ib. 1, 237) — E me mandou outra vez chamar, e me fez a mesma pergunta de novo e tornala a escrever ao que respondi como *de pymeiro* (Itin. 59) — *De primeiro* tivemos o tempo tão quente e calmoso, que andavam os homens a bordo comõ na Ribeira de Lisboa. (Hist. Frag. Mar. 3, 16) — Os doentes iam melhorando, e os mais convalescendo, e já não recahiam tantos como *de primeiro*, do que parece era a causa a carne salgada assada e muito roim que comiam (ib. 3, 19) — Não teve todo o gaudio que esperou *de primeiro* (F. El. 13, 42) — Sahu mal *de primeiro*, depois menos, logo melhor; por cabo ás maravilhas (ib. 13, 278) — Segredo é *de primeiro*; depois conquistas são (ib. 13, 280) — Essas bizarras damas que *de primeiro* me tinham deslumbrado (ib. 19, 82).

## 2.º AUSENCIA DA PREPOSIÇÃO:

Certas locuções adverbias de tempo como *esta noite*, *outro dia*, *um dia*, *este mez*, *este anno*, *todo o dia*, *todos*

*os dias, toda a noite* e outras, em que o analysta dá por falta da preposição *em*, estão consagradas pelo uso e têm sentido tão definido, que este se altera, em algumas dellas, em se empregando a particula.

Não seria caso aqui de restabelecer a preposição, porque não houve desaparecimento. Em portuguez sempre assim se disseram estas locuções sem o vocabulo *em*. Facto analogo se dá em outras linguas romanicas. Vê-se bem que se trata da continuação do emprego de um caso obliquo sem preposição usado em latim e, em especial no latim vulgar, para certas expressões quotidianas.

Os escriptores quinhentistas e seiscentistas estendem esta pratica de não mencionar a particula a outras locuções de tempo, notadamente referindo-se a datas, anno, dias da semana ou do mez, ou dias de denominação particular segundo o calendario christão:

Partio-se Vasco da Gama hũa *quinta feyra* pela menhã que forão dezaseis de novembro (Castanh., 1, 3) — Partio-se hũa *sexta feira oyto dias de dezembro* (ib. 1, 3) — A qual [alma] deo a Deus a cinco horas *hum domingo* pela manhã dezesseis de dezembro (Barros, Dec. 2, 10, 8) — E partio da ilha o *primeiro de Agosto* de onze (ib. 2, 7, 2) — A primeira terra que tomaram foi a barra de Goa *dia da Assumpção de N. Senhora*, que he a quinze dias de Agosto (ib. 2, 7, 3) — A maior parte dellas partiram deste porto de Lisboa *dia de N. Senhora da Annunciação* (ib. 2, 7, 2) — Determinou-se de sahir em terra em amanhecendo *sabbado vespera* de Pascoa (ib. 2, 7, 9) — A esta lembrança nos excita a igreja catholica, quando *dia de cinza* nol-a põe na cabeça (H. Pinto, 2, 630) — Chegou a Lisboa *ho primeiro de Setembro* do mesmo anno (Castanh., 1, 48) — Não folgou nada, porque se não fiava deles pola deslealdade que tinham cometida *ho anno passado* (ib. 2, 74) — Tendo dito que *dia das Candeias de S. Pedro* se havia de desatar a sua alma do corpo (Vieira, Serm. 8, 270) — Succedeu esta batalha *dia de Pascoa da Resurreição onze de abril* de mil e quinhentos e doze (Bern., N. Flor. 1, 150).

Não tem preposição *uma vez, duas vezes, tres vezes*, etc. e sem ella podem-se dizer as expressões em que *vez* é precedido de numeral ordinal:

Perdeu *uma vez* a bolsa — E a *primeyra vez* que o embaixador foy ver ho governador, lhe deu hũas manilhas douro (Castanh., 3, 118) — Julgaram que ou a *primeira vez* que passou a linha... ou a *segunda*... lhe refervera o juízo (Vieira, Serm. 8, 298).

Valem por adverbios *rumo, via, caminho, rota batida* e outros dizeres, que, desprezada a preposição, se accre-

scentam a verbos intransitivos, como *ir*, *partir*, etc., afim de denotar direcção:

Com a qual presa *rota batida* se fez *via* do Reino (Barros, Dec. 1, 1, 10).

Da antiga locução *outra hora* formou-se o nosso adverbio *outrora*, equivalente a «em tempo passado». Esta especialização de sentido é moderna. *Outra hora* tinha significação mais literal e podia referir-se a uma hora futura:

A qual astucia foi mandar a todos seus capitães... que *outra hora* não fizessem tal cousa, senão que os castigaria (Barros, Dec. 2, 1).

Com a preposição *a* occorre esta locução em Zurara (Ined. Port. 3, 300):

Quando *a outra hora* ouverdes mester.

### A negação

Com a palavra *não* enunciamos em geral o conceito negativo. Alem deste vocabulo livre, existe tambem a negativa incorporada em certas expressões pronominaes, adverbias e conjuncionaes: *nem* (do lat. *nec*, *neque* e *não*); *nenhum* (do latim *nec unus*); *nunca* (do lat. *nunquam*, *ne unquam*); *ninguem* equivalente a *não alguma*; e *nada*, que significa exactamente *não alguma cousa* por evolução semantica de um antigo particípio do verbo «nascer». O adverbio *jamaiz* usa-se em sentido negativo como synonymo de *nunca*.

Aos adverbios compete, por principal função, modificarem a idéa expressa por verbo, adjectivo ou outro adverbio. Que se usam tambem para alterar o sentido de outras palavras alem destas, depreheende-se não sómente da criação de *nem*, *nenhum*, *ninguem*, mas ainda da collocação da negativa em frases como *não os antigos habitantes, mas os invasores são os donos da terra*. Redistribuir, em attenção á analyse, as palavras de orações deste genero, de modo que a negativa venha a ficar junto

do verbo, dá lugar a fazer-se esta objecção: E porque se recorre, em certas occasiões, á «desordem» oracional?

Quanto á presença, dentro da mesma oração, de outros termos negativos alem da palavra *não*, é facil de ver que não anda o raciocinio dos homens cultos bem emparelhado com o sentimento popular. Para o povo, o accumulo de negativas indica reforço. Entende a gente de letras, pelo contrario, que negar o negado equivale a afirmar; mas abre excepção — admittindo, pois, que se suspenda este raciocinio — desde que o novo termo negativo não anteceda o adverbio *não*. Segundo esta doutrina, aceita na linguagem litteraria do port. mod., é licito dizer:

Na feitoria *não* avia *nem hum* só prego, ...*nem* outra cousa *nenhũa* das que erão necessarias (F. M. Pinto, 3, 203) — *Não* tinham cousa *nenhũa* pera comerem (ib. 3, 214) — *Não* aparecia cousa *nenhũa* (ib. 3, 276) — *Não* falou mais palavra *nenhũa* (ib. 7, 277):

Differentemente de nós, e de accordo com a linguagem vulgar, os escriptores antigos, e ainda alguma vez os quinhentistas, empregavam sem restricções a negação dupla, e até triplice, com effeito reforçativo:

*Nem* eu *nom* vos faço prazer (Canc. Aj. 6) — *Nem* doo *nom* avedes de mi (ib. 218) — Posto que *nada nom* vissem (Zur. C. P. 237) — *Nenhum nom* lhe soube dizer (ib. 372) — *Nem... nom* estavam (ib. 445) — *Nenhuma não* sahisse (ib. 571) — *Nõ* digas a *nenhũu nẽhũa* cousa de teu feito (S. Am. 111) — *Nũqua* hy *morya nẽgũu* de *nẽhũa* door (ib. 111) — As gallees de Castella *nom* poderom alcançar as de Portugall, *nem* ellas *nom* quizerom aferrar com ellas (F. Lop., D. J. 231) — Que todos tivessem olho na bandeira real pera *nenhum* não tomar terra senão depois que a elle tomasse (Barr., Dec. 2, 3, 4).

Ao contrario da pratica moderna, a oração dependente dos verbos *escapar de* e *defender*, significando «proibir», ou expressão analogá, dizia-se antigamente sob a forma negativa:

*Nom* guardando aquel consselho de sancto agostynho em que *defende* que jamais *nom* se acoste acerca dalgũa molher. (D. Duarte, Leal Cons. 105) — E assi *escapou* o comde Joham Fernandez de *nom* seer morto (F. Lop., D. J. 7) — E por decreto publico foi *defeso* que *ninguem* navegasse (Barr., Dec. 1, 3, 11) — E quasi *escapou de* o não matarem os seus escravos (ib. 2, 6, 7) — Affonso d'Albuquerque tinha *defeso* ... que *nenhũu* homem de armas fosse em companhia dos mareantes (ib. 2, 3, 4) — E quasi milagrosamente *escapou de* não ser morto com toda a gente que levava (ib. 3, 7, 3).



*Defender* seguido de negação é linguagem usual nas Ordenações de D. Manuel:

*Defendemos* geralmente em todos Nossos Reynos, que pessoa algũa *nom mate, nem cace* perdizes, nem lebres (5, tit. 84) — E bem assi *defendemos...* pessoa algũa *num mate, nem cace* coelhos (ib.) — *Defendemos*, que *ninhũa* pessoa *nom* tenha manceba theuda em mancebia (5, tit. 30).

Com o verbo *prohibir* usou-se tambem a negativa na oração complementar:

*Prohibido* tinha Deos a nossos padres sob pena de morte *que nam comessem* fruita de certa arvore plantada em o Paraiso terreal (Arr. 591) — Havia outro novo e segundo decreto seu, em que *prohibia* que *nenhum* homem nem mulher pudesse entrar á sua presença sob pena de perder no mesmo instante a vida (Serm. 11, 24).

Desusada no falar culto de hoje é a expressão negativa *até não* para significar «emquanto não». Topam-se bastantes exemplos desta linguagem em escriptores quincentistas e alguns nos Sermões de Vieira:

Mas o malvado Saul *não* descansava *até o não* matar (H. Pinto, 1, 251) — E lhes disse que elle tinha feito voto solenne e jurado... de *não* deixar aquelle cerco *até não* pôr a cidade por terra (F. M. Pinto 3, 59) — Tentou logo tornar a proseguir seu intento e effectuar o que tinha determinado, que era *não* levantar aquelle cerco *até não* ser senhor da cidade (ib. 3, 119) — Não se quiz desembarcar nem sabir em terra *até elle não* vir (B. Cruz, Seb. 1, 57) — Não haviam de afrouxar dos combales *até não* arrasar os muros (ib. 1, 77) — Não querem cessar estes barbaros, *até não* beberem o nosso [sangue] (ib. 1, 133) — Não hão de desistir do que começaram *até não* levarem a obra ao cabo (Vieira, Serm. 7, 124) — Nas Ilhas Baleares para costumarem as muchachas a acertar ao alvo, *não* lhe dão de almoçar *até o não* acertarem (Bern. N. Flor. 4, 11).

A negativa reforçada *nunca jamais* aceita-se hoje por boa, sendo menos conhecida a inversão *jamais nunca* (Canc. Aj. 52). Em port. ant. occorrem tambem *jamais não* e *já nunca*:

Ay terra minha madre porque te *nõ* abres e colhe-me dẽtro que *jamai nõ* viva *ẽ* este mundo? (S. Amaro 512) — *Nunca jamais* aqui venha outro semelhante (Zur. Guiné, 143) — Reynava gozando daquelle Oriente... onde *nunca já* mais anoitece (Sousa, Arceb. 2, 380) — Que... *nunca jamais* se pudesse alcançar delle que para os taes provimentos, mayores nem menores intercedesse por pessoa alguma (Vieira, Serm. 8, 235).

Uma das maneiras de produzir bem a impressão de alguma qualidade ainda não excedida até o momento actual, consiste em accrescentar á expressão superlativa uma oração adjectiva em que introduzimos o adverbio *jamais*. Escriptores antigos assim como quinhentistas e seiscentistas, e, entre estes, principalmente Antonio Vieira, empregavam para o mesmo fim de preferencia a palavra *nunca*:

A melhor dona que eu *nunca* vi (Canc. Aj. 118) — Cantavã mi-lhor, que *nunca* foy homẽ que ovisses (S. Am. 122) — Ho mais rico presente que te *nunca* foy dado (Castanh. 1, 50) — Foy o melhor gen-tilho que *nunca* ouve naquella terra (F. M. Pinto, 3, 94) — A honra mais cruel que *nunca* vio o mundo (Vieira, Serm. 8, 351) — A maior e mais poderosa armada que *nunca* partio da India (ib. 8, 382) — A frota deste anno é a mais rica que *nunca* partio do Brasil, porque vai nella embarcado o Sr. D. João de Lencastre (Vieira, Cartas 2, 344) — Era o zelador mais verdadeiro que *nunca* teve a sua patria (Vieira, Serm. 2, 159) — O mais formoso theatro que *nunca* vio o mundo, a mais grave e ostentosa disputa que *nunca* ouviram as academias (ib. 3, 254).

O mesmo effeito que nos exemplos precedentes se consegue dando á oração adjectiva forma positiva, mas additando-lhe outra com a conjunção *nem* e o verbo em tempo differente:

O mais perfeito amor que *ha nem* pôde haver, he o das tres Pessoas Divinas (Vieira, Serm. 3, 505) — Quero referir dous breves exemplos dos dous melhores filhos que houve, *nem* hade haver, que são Jesus e Maria (Bern. L. e C. 304).

Frequente em quinhentistas e seiscentistas, e sobretudo no vigoroso estilo de Antonio Vieira, é a inserção de *nunca*, *nem*, ou *ninguém* em frases interrogativas, como para anticipar que a resposta só poderá ser negativa:

Quem se contentou *nunca* com o primeiro desejo? (H. Pinto, 2, 67) — Quem vio *nunca* tal? Quem ouviu *nunca* dizer d'outro tal amor? (ib. 2, 185) — Viste-me *nunca* andar em demanda com ninguém, senão hũa em Santarem? (G. Vic. 3, 172) — O sal está carregado com a divida da Hollanda, e, se carregarem mais e o tabaco excessivamente, quem irá comprar um *nem* outro? (Vieira, Cartas 2, 122) — Quem poderá bastantemente considerar *nem* comprehender as infellicidades... que em si contém a desgraça geral de hũa peste? (Vieira, Serm. 2, 174) — Que poder se viu *nunca* no mundo que fizesse hũa risca no ar, e puzesse limites ao de hũa parte, para que não passasse á outra? (ib. 2, 182) — Pode haver tesouro *nem* mais precioso, *nem* mais barato? (Bern., N. Flor. 1, 209).

As alternativas negativas enunciam-se usualmente por *nem... nem...* Mas antes de nomes ou pronomes cala-se às vezes o primeiro *nem*, produzindo o segundo *nem* a surpresa de que o termo anterior também se ha de tomar em sentido negativo:

Peroo um *nem* outro nom recebeo morte *nem* ferida (Zur., D. P. 550) — Creendo que el Rei Dom Hemrrique *nem* o Principe nom aviam poder de passar (F. Lopes, D. J. 132) — Elrey meu senhor *nem* eu nom vos poderemos acorrer (ib.) — Os astrologos tratam do porvir, de que *elles nem ninguem* sabe pouco *nem* muito (S. de Mir., 2, 117) — Também vos cabe aqui ficardes *mãi* do perturbador, do falsario que *vós nem elles* creis, *nem* sois (Th. de Jes. 2, 59) — Tu *nem* algum dos homens não me podeis dar mais (Bern., L. e C. 384).

Curiosa é a presença de *nem* no seguinte passo, em que não se nega cousa alguma:

Peroo estes, *nem* outros muitos que feridas ouverom neste cerco, per graça do Senhor todos cobraram saude (Zur., P. P. 446).

A negativa aqui provem de certo de ter o autor em mente este pensamento:

Peroo estes, *nem* outros muitos nom morreram.

Caso parecido com este é o passo de Barros, Clar. 2, 194:

[Clarinda] tornou-se como num leão bravo, dizendo mil injurias a Arfila, pois tivera o atrevimento de falar a *ninguem* pela janella de sua camera.

Este *ninguem* provem de anterior prohibição de falar com pessoa alguma.

Em lugar da conjunção *ou* vem às vezes *nem* para expressar com mais vivacidade a não-existencia de alguma cousa em certa epoca:

Os convidados para o banquete da Gloria antes de viram os apóstolos, *nem* os profetas, já estavam convidados (Vieira, Serm. 3, 433) — Já estavam convidados antes de haver apóstolos *nem* profetas (ib.).

*Nunca* significa o contrario de «sempre». Refere-se a toda e qualquer epoca sem outra demarcação senão o ponto desde quando, se o verbo estiver no futuro; ou o

ponto até quando, se o verbo estiver no preterito. Assim em *nunca irá* equivale a «em qualquer tempo a partir do momento presente», e em *nunca foi* diz o mesmo que «em qualquer tempo até o momento presente». Por hyperbole applica-se este adverbio a um facto de duração curta e bem delimitada, para negal-o de um modo absoluto, significando *nunca* o mesmo que «nenhum só instante», «nenhuma só vez».

E sayo-se da caravella tam passamente, que *nunca* dos nossos pode seer sentido (Zur. Guiné 143) — E como quer que os moços da camara... soubessem nadar, *nunca* quiserom desamparar seu capitam (ib. 145) — O qual [Dinis Dyaz] partido com sua companhia, *nunca* quis amaynar, ataa que passou a terra dos Mouros, e chegou aa terra dos negros (ib. 158) — Pretendendo... entrar na Igreja... *nunca* poude meter o pé dentro da porta: porque quantas vezes a isso aco-mettia com toda a sua força, tantas era rebatida (Bern., N. Flor. 2. 331)

---

## Preposições: especies, formas e significação

---

Ha pontos de contacto entre os adverbios e as preposições, e sabe-se que as preposições latinas foram primitivamente adverbios. Mas ao passo que a função destes é ajuntar-se a verbo, adjectivo ou tambem a adverbio e modifical-os, desempenham as preposições papel analogo ao dos suffixos dos antigos casos obliquos. Usam-se antepostas a substantivos e pronomes (e tambem ao infinitivo como forma nominal) para lhes accrescentar noções de lugar, instrumento, meio, posse, etc., e este resultado se obtem mais completamente e com mais clareza do que era possível com os poucos casos obliquos da declinação latina.

A preposição pode ser representada por um vocabulo ou por uma combinação de vocabulos: *sobre o outeiro, em cima do outeiro; em uma gaveta, dentro de uma gaveta; sob o dominio, debaixo do dominio*, etc. Havendo necessidade ou conveniencia, differencamos as maneiras de exprimir umas das outras, reservando para as do segundo typo o nome de locuções prepositivas.

Vieram-nos as preposições parte do idioma latino que conhecemos atravez da literatura, parte do romanico; outras foram tiradas de adverbios portuguezes accrescentando-se-lhes a palavra *de*: *depois de, diante de, defronte de, em cima de*, etc.

Grande numero das particulas usadas na lingua mãe desapareceram ou ficaram desaproveitadas como preposições. Passaram ao portuguez: 1) sem modificação de forma, *ante, contra, de, per*; 2) alteradas, *ad > a; post >*

*pos*; *cum* > *com*; *inter* > *antre*, *entre*; *sine* > *sem*; *tran* > *tras*; *pro* > *por*; *secundum* > *segundo*; *in* > *em*, *em*; *sub* > *sob*, *so*. De *tenuis viria*, segundo alguns, *ataa*, *até*; *ti* segundo outros, *filiar-se-ia* esta particula ao arabe *hatta*. De *super* resultou *sobre*, forma esta que, em port. ant., ocorre com syncope de *r* quando seguida do artigo *lo*, *la*: *sobelo*, *sobolo* por *sobre lo*. Camões ainda se utilisou da antiga maneira de dizer em: *Ali a cabeça a flor Cefisia inclina sobolo tanque lucido e sereno* (Lus. 9, 60).

Algumas destas particulas continuaram a usar-se como em latim; outras tiveram novas applicações alem das antigas; em *tras* alterou-se completamente o sentido primitivo. Cada preposição teve originariamente um sentido delimitado; mas a associação de idéas tornou possível o alargamento do dominio semantico de algumas a ponto de invadirem umas o dominio das outras e se confundirem por vezes as particulas na applicação pratica. É o que passaremos a estudar.

**De** — *De* é a preposição empregada com mais frequencia e para fins os mais diversos. Exprimia em latim a principio afastamento no sentido «de cima para baixo», differindo de *ab* que significava afastamento no sentido horizontal. Executando-se porem na pratica os movimentos segundo linhas mais ou menos inclinadas, desfazia-se o sentimento rigoroso das noções «vertical» e «horizontal» e *de* se confundia com *ab*. Sacrificada foi afinal esta ultima. Não estava fadada a perpetuar-se a distincção que se fazia, por meio de preposições, entre o afastamento precedido de movimento de dentro para fora e a separação partida dum ponto da superficie. *De* torna-se equivalente a *ex*, e est'outra preposição desaparece por superflua.

Muito antes de annexado por completo o dominio semantico das duas outras particulas, para o que correu principalmente o latim vulgar, se diferenciara do sentido de afastamento e procedencia contido em *de* o conceito de «referente», «a proposito de» usado em *de aliquo loqui*. Compete a latinistas examinar como se operou a transição para está applicação secundaria.

A tendencia para conquistar mais terreno acabou

por tazer que *de* se tornasse «la préposition favorite de la latinité postérieure», como a caracterizou Goelzer.

A combinação *de* + substantivo pareceu então apta não sómente para substituir com mais largueza o ablativo, mas ainda para tomar o posto do genitivo, nos diferentes conceitos que a este caso competia exprimir na declinação latina. Assim reconhecemos o chamado g. subjectivo em *amor de mãe* (amor matris), o g. objectivo em *amor da patria* (amor patriae), o g. possessivo em *casa do rei* (domus regis), o g. especificativo em *vício da embriaguez, virtude da abstinencia* (virtus abstinentiae), o g. de qualidade em *homem de grande talento* (homo magni ingenii), o g. partitivo em *muitas das casas*, e os de quantidade, peso, medida e grandeza em *multidão de homens, libra de carne, valla de quinze pés* (fossa quindecim pedum). A forma equivalente ao g. de idade (puer decem annorum) empregou-se em portuguez não sómente em dizeres como *menino de dez annos*, mas ainda depois de certos verbos: *sendo de dez annos e vendo um religioso... acodio* (Bern., N. Flor. 1, 378); *morrendo de vinte e seis annos* (ib. 2, 335); *morreu Joseph de idade de cento e dez annos* (Vieira, Serm. 2, 419).

Da significação mais antiga e principal de «lugar donde» procede o emprego da preposição *de* para denotar causa.

Buscar retrospectivamente o motivo ou causa determinante de alguma acção é de facto um processo que, projectado no espaço, equivale a remontar ao *lugar donde* alguma cousa toma origem e tem seguimento. Nesta analogia se funda o emprego da preposição *de* com sentido causal:

Passamos a grande ilha da Madeira, que *do muito arvoredo* assi se chama (Cam., Lus. 5, 5).

O motivo de que resulta o acto não é necessariamente extrinseco; pode residir no individuo de que se fala, ser uma qualidade, estado ou attributo proprio delle, usando-se então da palavra *de* não sómente antes de substantivos (*de medo, de nojo, de raiva, de susto*, etc.), mas tambem antes de um simples adjectivo:

Saltaram embaixo apos os inimigos que já *de quebrados* se retiravam (Castanh. 5, 63) — E nisto, *de mimosa*, o rosto banha em lagrimas (Camões, Lus. 2, 40) — He Velloso no braço confiado e *ae arrogante* crê que vai seguro (ib. 5, 31) — Vereis este, que agora pressuroso por tantos medos o Indó vai buscando, tremer d'elle Neptuno *de medroso* sem ventos suas agoas encrespando (ib. 2, 47) — Com huma benção que lhes lançava ás redes, as não podiam arrastar *de muyto cheas* (Vieira, Serm. 8, 236).

> Estando o verbo na passiva, o nome do agente se dizia, quer em port. ant., *quer* em linguagem da Renascença, de ordinario com a preposição *de*, por ser o agente o ponto de procedencia do acto dirigido sobre o sujeito paciente. Devia entretanto confundir-se este conceito com os de causa e meio ou instrumento. Mas a tradição, em todo aquelle periodo, poude mais que esta tendencia, sendo relativamente poucas as vezes em que se deu preferencia á preposição *por*. No falar hodierno apparece invertida a situação: predomina *por*, ao passo que *de* ou é de uso occasional, ou se reserva para certos e determinados verbos.

#### Exemplos do seculo XVI:

Não consente que em terra tam remota se perca a gente *della* tanto *amada* (Cam., Lus. 1, 100) — Foi *delle* alegremente *agasalhado* (ib. 1, 95) — O cabo Arsinario o nome perde, *chamando-se dos nossos* Cabo Verde (ib. 5, 7) — Já descoberto tinhamos... nova estrella, não *vista de* outra gente (ib. 5, 14) — O Zaire passa claro e longo, rio *pelos antigos* nunca *visto* (ib. 5, 13) — Os mares nunca *d'outrem navegados* (ib. 5, 37) — [Vi] levantar-se no ar hum vaporzinho e subtil fumo, e *do vento trazido*, rodear-se (ib. 5, 19) — Fortalezas, cidades e altos muros, *por elles* vereis, filha, *edificados*; os Turcos, *bellacissimos e duros, delles* sempre vereis *desbaratados* (ib. 2, 46).

Certos verbos transitivos como *encher, adornar, guardar, rodear, cercar, cobrir* e outros são susceptiveis de duas construcções: uma, em que lhes basta o sujeito e o objecto directo, v. g. em *flores adornam a sala*; outra em que, sendo sujeito um ente animado, se requer, alem do accusativo, um termo denotador daquillo com que se preenche ou põe em effeito a acção, como em *as crianças adornam a sala de flores*. Prevaleceria a principio a intuição de lugar ou cousa *donde* se tira o material para a execução do acto, explicando-se assim o emprego habitual da preposição *de* para o segundo complemento.



Ocorrendo todavia casos em que tal intuição se confundia com a de meio ou instrumento, ou est'outra se impunha nitida ao espirito, necessariamente surgiu a concorrência de *com*.

Diz-se *cobrir a mesa de flores*, porem *cobrir a mesa com um panno*, *cobrir o rosto com as mãos*, o que mostra que o emprego de *com* vem a proposito quando uma cousa unica ou duas ou mais cousas unidas tem por fim tapar ou encobrir por completo; ao passo que *cobrir de* se diz de cousas esparzidas ou accumuladas sobre outra. Assim se explicam os passos:

Sentaram-se ambos em suas *cadeiras, que estavam cubertas com pannos* de borcadinho (Barros, Dec., 1, 9, 4) — *Hum elefante cuberto de pannos* de seda e arraiado de borlas (ib. 1, 9, 5) — [A outra terra da ilha] *cuberta de arvoredos* (ib. 1, 10, 1) — O corpo ficou sobre o presbyterio *cuberto com hum panno* de brocado (Sousa, Arceb. 2, 380) — Não era menos de ver a praya *cuberta de povo* sem numero (ib. 2, 352) — Armou-se hũa *mesa, cobrio-se com hum panno* de brocado (ib. 2, 381) — [Os altares todos estavam] *cubertos de flores* (ib. 2, 341) — Em Jerusalem havia hum *monte* mais alto, *cuberto de oliveiras*, que era o Olivete, e outro *outeiro*, ou monte mais baixo, *cuberto de caveiras*, que era o Calvario (Vieira, Serm. 2, 404) — Bellos e veneraveis eram os dois platanos. O adro, *cubriam-no todo com as suas sombras fechadas* (Herc. Lend. e Narr. 2, 122).

Diferença analoga existe entre *coroar de* e *coroar com*:

Pagaram parias em perolas o Indo e o Ganges, não *coroados de juncos e espadanas*, como o padre Tibre, mas *com grinaldas* de rubis e diamantes (Vieira, Serm. 2, 20) — Misericordias *coroadas* ou *com a coroa* sacerdotal, como era a de Judas, ou *com a coroa* de Faraó (ib. 2, 408).

Sem embargo da usualissima linguagem *vestir de* (*todos vestiam de pelles*, Vieira, Serm. 5, 4, *veste-se de hum aspero cilicio*, ib. 5, 145, *o soldado... se vestiu de hũa habito religioso*, ib. 8, 304), serviram-se os escriptores tambem de *vestir com*, *estar vestido com* ou *em*:

Hia *vestido com huma opa* de brocado (Barros, Dec. 1, 5, 5) — Mas quando o viram pelas ruas em corpo, sem capa,... *vestido com huma roupeta* tão pobre... julgaram que... lhe refervera o juizo (Vieira, Serm. 8, 298) — Vedes por ventura entre esses Gentios hum homem de melhor cor que elles, mal *vestido em huma roupeta preta* (ib. 8, 394) — Vindo o Anjo *vestido em hum pelote* (ib. 5, 92) — Via-

se... hum homem *vestido em sobrepelliz* que... parecia ser clérigo (Sousa, Arceb. 2, 346).

Falando de vestes de cerimonia, diz-se *vestir* ou *revestir com* ou *em*:

Depois da morte... o *revestir com* esta nova *estolla* (Vieira, Serm. 8, 392) — O bispo de Fez *revestido em pontifical* (Sousa, Arceb. 2, 391).

O conceito instrumental que se acrescenta a *dar* (significando «bater», «dar pancadas») e *ferir*, era enunciado em port. ant., e ainda em linguagem quinhentista e seiscentista, já pela preposição *de*, já pela preposição *em*:

*Deo das palmas e dos geolhos* em terra (S. Graal, 81) — *Lhe* hiam-lhe *dando das espadas* chaãs muy grandes feridas (ib. 119) — *Ferio* o cavallo *das sporas* e *ferio-o* [a Boorz] *dos peitos* do cavallo (ib. 128) — Saibha bem *ferir das sporas* (D. Duarte, L. de Ens. 13 e semelhantemente 59 e 103) — Continuavam sempre *de dar cõ as sporas* ao cavallo (ib. 70) — Deve-sse *de dar com as sporas* poucas vezes (ib.) — Estimulando minha propria carne, se rebella contra mim, e *me dá de bofetadas* (Vieira, Serm. 8, 115) — Seu corpo estimulado pelo demonio, *lhe deu de bofetadas* (ib. 8, 116) — *Dando-lhe de punhaladas* (Mello, Apol. Dial. 78).

Denotadora de separação e afastamento em geral, *de* tambem serve para exprimir o desvio da imminencia do perigo e assim se emprega depois de certos verbos como *defender*, *guardar* e adjectivos de significação cognata; mas a taes actos se pode associar a resistencia e *de* poderá equivaler a *contra*:

Não se souberam *goardar das* correntes (Castanh., 2, 22) — Vão *seguros de* ladrões (ib. 2, 16) — Por isso só vos guia e vos *defende dos* immigos, *do mar*, *do vento* irado (Cam., Lus. 7, 31) — Os Naires sós são dados ao perigo das armas, sós *defendem da* contraria banda o seu rei (ib. 7, 39).

Serve a preposição *de* não sómente para assignalar o ponto no espaço donde alguma cousa começa e se estende para outro ponto, mas tambem para marcar a epoca ou o instante desde quando algum acontecimento perdura. Torna-se então synonyma de *des*, *desde* com sentido temporal:

Erão na corte dous mancebos Fidalgos que Elrey criara *de moças* (Zur., Ined. Port. 3, 277) — Como se *de longo tempo* ho ouvessem por senhor (F. Lopes, D. J. 152) — Assi foy desbaratada a frota dos imigos *de horas* dalmorço até toda aquella noyte (Castanh. 2, 26) — Durou *de pola manhaã* até tarde (ib. 2, 51) — Sempre os guia já *de longos annos* (Cam., Lus. 9, 18) — A noite se passou na lassa frota com estranha alegria e não cuidada, por acharem da terra remota nova *de tanto tempo* desejada (ib. 1, 57) — A mesma Senhora achou a seu filho, perdido *de tres dias* (Vieira, Serm. 3, 25) — Arvorezinhas plantadas *de pouco* (Bern., N. Flor. 1, 167) — Nunca, *de memoria* de homens, mercador Judeu... recusara aceitar (Herc., M de C. 1, 98).

O conceito de procedencia dá á locução *de si* o sentido «sem causa exterior», «sem influencia vinda de fóra», «espontaneamente» e pode algumas vezes interpretar-se como «pessoalmente»:

Estando no altar, em quanto se disse a missa, arvorada huma bandeira da Cruz da Ordem da Cavallaria de Christo, que no fim da missa o mesmo Bispo benzeo, e *de si* Elrey a entregou a Pedralvares Cabral (Barros, Dec. 1, 5, 1) — Emquanto o negocio *de si* não dava outro conselho (ib.) — Sentindo Vasco da Gama a torvação delles, mandou fazer sinal com que cessou aquelle tom, que os assombrava, e *de si* chegou-se ao zambuco del Rey, o qual o recebeo como homem, em cujo peito não havia má tenção (ib. 1, 4, 6).

**Des, desde** — Explicar o vocabulo *des* como proveniente da combinação *de ex* é lançar mão de uma etymologia commoda e, á primeira vista, razoavel. É comtudo tal origem posta em duvida por bons investigadores. Não sei se devemos aceitar o etymo *de ipso*, proposto por Meyer-Lübke, mas descreio da possibilidade de se haver fixado em latim vulgar e no romanico o uso de *ex* para uma combinação á parte e pleonastica quando esta preposição já vinha sendo suplantada por *de* e tinha a vitalidade antiga prestes a extinguir-se.

Como quer que seja, *des* se emprega durante todo o periodo do portuguez medieval, significando ponto de partida e referindo-se tanto a lugar como a tempo. A forma *desde*, empregada na linguagem da Renascença, nada mais é que o artigo *des* accrescido da preposição *de*, por analogia de *antes de*, *depois de*, etc. O port. ant. utilisou-se da forma primitiva:

*Des* dia de pinticoste (S. Graal, 58) — *Des* entom nom vivo eu (S. Josaph., 11) — *Des* omde o mar mais longe espraya, ataa terra

junto com a cidade (F. Lopes, D. J. 197) — *Dês a porta de Santa Catherina ataa torre d'Alvoro Paez* (ib.).

Da coincidência do valor desta preposição com uma das applicações de *de* é excellento exemplo este passo de Vieira:

Conheciam *de mais tempo* a Joseph porque o conheciam *desde* menino (Serm. 2, 151).

**Com** — Esta preposição exprime companhia, instrumento, causa, maneira. Das duas primeiras relações dimanam as demais, havendo companhia quando a um ente se associa outro para pôr em effeito ou soffrer a mesma acção; ao passo que é instrumento o ente, igualmente ligado a outro e para o mesmo fim, mas de si inerte, ou considerado como tal:

Eu só *com* meus *vassallos*, o *com esta* [espada]... defenderei da força dura e infesta a terra nunca de outrem sojugada (Cam., Lus. 4, 19) — Partir-se *co elles* pelo mato (ib. 5, 30) — Porem eu *cos pilotos*, na arenosa praia, por vermos em que parte estou, me detenho em tomar do sol a altura (ib. 5, 26) — Um dia a vi *co'as filhas* de Nereo (ib. 5, 52) — Perseguem-no *co'as lanças* (ib. 4, 34) — Gedeão *com panellas* de barro desbaratou os Madianitas (Arrais, 307) — Cortando vão *co rudo arado* os campos lioneses (Cam., Lus. 4, 8) — A verdura tinge *co sangue* alheio (ib. 4, 35).

Ao termo « instrumento » costuma-se preferir o termo « meio » quando aquillo com que se põe em effeito algum acto, é cousa abstracta. Assim diz-se que a preposição *com* denota o meio nos seguintes passos:

*Com mercês* sumptuosas me agradece, e *com razões* me louva esta vontade (Cam., Lus. 4, 81) — Foram de Emanceol remunerados... e *com palavras* altas animados (ib. 4, 83) — As cousas arduas e lustrosas se alcançam *com trabalho* e *com fadiga* (ib. 4, 78) — Se queres *com pactos* e *lanças* de paz e de amizade sacra e nua, commercio consentir das abundanças das fazendas (ib. 7, 62). — Huns pelejam *com esforço* e *valentia*, outros *com ardis* e *artifícios* (Arrais, 318).

A transição do conceito de instrumento ou meio para o de maneira observa-se em certos dizeres referentes a partes do corpo, ou actos proprios dellas, podendo-se ás vezes substituir taes expressões por algum verbo acompanhado de adverbio de modo: